

Brazilian Applied Science Review

Alteridade na educação: uma abordagem da prática docente na educação básica

Change in education: an approach to teaching practice in basic education

Recebimento dos originais: 30/10/2018

Aceitação para publicação: 29/11/2018

Kátia Maria Limeira Santos

Pedagoga, Mestre em Educação UNIT. Membro do GPGFOP

E-mail: kmlsantos@gmail.com

Ada Augusta Celestino Bezerra

Pedagoga, Profª Pós Doutora em Educação do PPED/UNIT, Coordenadora do GPGFOP

E-mail: adaaugustaeduc@gmail.com

RESUMO

Este artigo mostra que a transformação ocorrida na sociedade contemporânea no mundo do trabalho tem exigido cada vez mais da escola um papel fundamental na formação do sujeito. Com isso, a relação social é uma relação entre sujeitos: eu-outro, e a escola é um espaço de formação, onde a relação da alteridade com a educação torna-se indispensável. O objetivo é fundamentar a importância da alteridade na educação básica através da relação pedagógica, visando à construção do saber e a aprendizagem do aluno, bem como a formação de caráter. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico com base nos pressupostos teóricos de autores que tratam do respectivo tema. A hipótese é a de compreender a alteridade na relação pedagógica no ambiente escolar possibilitando a construção do saber entre professor e aluno. Constatou-se com o resultado da pesquisa que uma vez existindo respeito mútuo na relação pedagógica, o aluno da educação básica tende a se desenvolver cognitivamente e emocionalmente, melhorando sua aprendizagem.

Palavras-chave: Alteridade. Educação básica. Prática docente.

ABSTRACT

This article shows that the transformation occurred in contemporary society in the world of work has required increasingly school a key role in the formation of the subject. Thus, the social relationship is a relationship between subjects: self-other, and the school is a training space where the relationship of otherness to education becomes essential. The goal is to support the importance of otherness in basic education through the pedagogical relationship in order to build knowledge and student learning and character formation. The methodology used is qualitative research, bibliographic nature based on theoretical assumptions of authors who deal with their subject. The hypothesis is to understand the otherness in the pedagogical relationship in the school environment enabling the construction of knowledge between teacher and student. It was found with the search result that once there mutual respect in the pedagogical relationship, the student of basic education tends to develop cognitively and emotionally, improving their learning.

Keywords: Otherness. Basic education. Teaching practice.

1 INTRODUÇÃO

Tratar das relações pessoais na contemporaneidade tem sido um grande desafio, mostrar a importância do outro na nossa vida e vice versa tem sido uma constante batalha, por se tratar justamente de uma sociedade imediatista e capitalista onde os valores como: a ética, estética, alteridade (um olhar ao outro), não tem tido espaço para reflexão no cotidiano humano. Este artigo busca investigar justamente o papel da alteridade na educação, a partir do trabalho docente no processo ensino aprendizagem, visando contribuir a partir de uma construção de cunho bibliográfico, para a compreensão das relações interpessoais no ambiente escolar.

Nosso pressuposto é que compreender o espaço em que se coloca a figura, não só do professor, mas também do aluno, é fundamental no processo de evolução humana, pois ambos estão em constante relação; nos dias atuais é necessário que ocorra essa reflexão principalmente por parte do intermediador do processo educacional. Para Trevisan (2006), a consciência de si é fruto do reconhecimento do outro; portanto alteridade para mim e para si, como afirmam Silva, Machado e Bezerra (2013). É nessa perspectiva que a compreensão sobre alteridade na educação é necessária para que possa ocorrer um processo de qualidade, visando ao bem estar de todos os envolvidos, seja escola, alunos, professores, família e sociedade. Acreditamos que o cotidiano é um espaço onde também se faz história dos sujeitos, das instituições e da sociedade.

Nas relações interpessoais, em se tratando da educação, é percebido que o professor é o mediador do processo educacional, por isso sua importância no processo de autoconhecimento do seu papel no mundo compreendendo o quanto irá contribuir no desenvolvimento do outro (aluno). “[...] Para confiar no jovem, o professor precisa confiar em si mesmo. Para acreditar no jovem, o professor precisa acreditar em si mesmo e na importância de seu exemplo, de seu papel como adulto, guia e modelo” (COSTA, 2001, p.13).

O desejo de desenvolver o referido artigo partiu da inquietação de enfatizar a urgência da sociedade contemporânea quanto ao entendimento de “se colocar no lugar do outro”, a fim de melhorar as relações humanas, principalmente no ambiente escolar. Temos acompanhado pela TV, Jornais e outros meios de comunicação o descaso com os professores e alunos, dentro e fora das escolas; ambos têm sofrido opressões e desrespeitos, seja o professor que é agredido ao tentar reivindicar os seus direitos e tentar assumir seu papel dentro da escola, ou seja o aluno que se torna refém dos hábitos sociais instalados. Desse modo justificamos a investigação por sua relevância. Trata-se de um estudo sobre a “alteridade na educação”, sendo uma relação marcada por interações sociais entre seres humanos que precisam desenvolver a consciência de que é fundamental o importar-se ou preocupar-se uns com os outros e com o futuro que estão a (re) construir.

Compreendendo a alteridade como uma relação fundamental na educação básica; o professor como educador: a abordagem sobre a prática reflexiva do professor, realizamos um estudo de revisão bibliográfica. Finalizamos com as considerações finais buscando explicitar uma concepção do papel do professor a partir da alteridade na educação, principalmente na educação básica onde são lançadas as bases da formação do cidadão.

A metodologia adotada nesta fase partiu de levantamento de fontes teóricas sobre alteridade na educação, relações interpessoais, processos de ensino e de aprendizagem e a prática pedagógica, com os respectivos fichamentos a partir das leituras realizadas tendo como fonte os livros, revistas, sites acadêmicos. Constatou-se com o resultado da pesquisa a importância de estudar a Alteridade na Educação, compreendendo assim o papel da escola ao formar cidadãos para o mundo do trabalho, bem como para a própria vida visando ao seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

2 COMPREENDENDO A ALTERIDADE: UMA RELAÇÃO FUNDAMENTAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O tema alteridade é emergente nas investigações e nas práticas do campo da Educação Básica, principalmente se considerarmos que é nas séries iniciais que se constrói a formação do sujeito no mundo. Além disso, no mundo contemporâneo, o social impõe padronizações de ordem tecnológica, econômica e política, adicionando maior complexidade a um contexto já tão complexo como é o da educação. Sendo assim, as tensões nas relações familiares, escolares e socioculturais são observadas e a Educação coloca-se, por vezes, num lugar de reflexão e mediação, principalmente por meio da escola e seus educadores, tentando gerenciar conflitos e permitindo compreender diferenças para uma vida social mais satisfatória (SANTOS 2013).

A alteridade é uma arma de resistência contra a “mesmice sistêmica”, pois, fora do âmbito da totalidade não pode haver novidade, entendida como a existência de algo fora do mesmo”, que é totalidade; só é possível o desdobramento interno do Mesmo, fechando-se desta forma o círculo na identidade do ser (TREVISAN, 2006).

É na ação comunicativa que a estabilidade relativa de uma realidade objetiva pode tomar corpo. É o espaço entre o sujeito e seu outro, mediado pela comunicação, pelas relações, instituições, posicionamentos, identidades e poder, entre tantos outros atos comunicativos, que dá conta da realidade precária, e ao mesmo tempo sólida, dum mundo objetivo. Sendo assim, a alteridade está presente na relação afetiva entre professor e aluno, principalmente no que diz respeito ao ato educar, pois, o aluno da educação básica precisa do mediador do processo educativo capaz de colocar-se no seu lugar, podendo vê-lo como um todo, considerando suas

necessidades básicas para uma formação sólida, visando o seu desenvolvimento no mundo, já que a criança precisa ser inserida no mundo para que possa ter uma formação humana. Sendo assim, Arruda (2002), descreve no seu livro intitulado “Representando a Alteridade”:

A criança é inicialmente um objeto no mundo social dos outros. São elas que dão a ela uma identidade, dando-lhe um nome, colocando-a no campo representacional de gênero. É através dessas mediações que ela emerge no mundo social, tornando-se, através desse processo, um ator independente. A intervenção definidora do outro na constituição do desenvolvimento subjetivo da criança e no conhecimento do eu tem sido um tema forte ao desenvolvimento como uma realização interativa (ARRUDA, 2002, p.84).

Essa perspectiva não fere a legislação educacional vigente, pois a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, apesar de suas contradições e polêmicas que faz emergir, descreve que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (BRASIL, 1996, Art. 1º)

O ato de educar aborda um complexo processo de construção do homem no mundo, enfatizando todas as etapas iniciais na vida da criança na construção da sua identidade. Essa Lei 9.394/1996 foi alterada em seu Art. 29, para contemplar a educação infantil das crianças de 0 a 5 anos no contexto da educação básica, o que proporciona aos educadores a oportunidade de trabalhar a alteridade desde os primeiros anos de vida do cidadão.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como *finalidade o desenvolvimento integral da criança* de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Diante do exposto, percebe-se que os processos de ensino e aprendizagem abrangem a assimilação e produção de conhecimentos, mas inclui outras funções sociais e pedagógicas, em uma combinação adequada entre a condução do processo de ensino pelo professor e a assimilação autônoma do aluno. Ou seja, é necessário que exista uma relação harmoniosa entre ambos, para que a aprendizagem ocorra de forma cooperativa, e que todos aprendam.

2.1 O professor como educador: uma abordagem sobre a prática reflexiva do professor.

Tendo em vista as mudanças culturais, e o modelo de Estado Brasileiro percebe-se que o mundo do trabalho tem exigido muito da escola um profissional que seja polivalente, flexível, motivado, criativo, apto a interagir com todos no ambiente educacional, visando à resolução de problemas do cotidiano tanto pessoal como profissional e com qualidade, assumindo o papel de líder consciente, democrático e eficaz da ação educativa. Trata-se de uma perspectiva neoliberal que requer dos sujeitos uma prática reflexiva sobre suas ações no mundo. Costa (2001) no seu livro “O professor como educador”, descreve que:

Mais do que nunca, o que somos e fazemos dependerá de nossa capacidade de discernir o que é essencial do que é acessório aquilo que é permanente, daquilo que pode e deve mudar com o tempo e as circunstâncias. Trata-se de ter claro o modo como recebemos o mundo à nossa volta e o nosso posicionamento frente à compreensão que construímos da realidade em nossas mentes (COSTA, 2001, p.36).

Mais do que ensinar conteúdos, o professor está chamado a viver a cidadania dentro e fora da sala de aula. Para isso, é importante que tenha consciência do seu papel diante dos educandos, de suas família, escola e sociedade. Precisa estar consciente das potencialidades e também dos limites da sala de aula como espaço educativo e deve pensá-lo na sua incompletude, compreendendo que a sala de aula é o coração da escola, pois é nesse espaço que alunos e professores passam a maior parte do tempo (COSTA, 2001). Com isso, a modernidade caracterizou-se como um período em que se valorizou antes de tudo a razão como elemento explicador e transformador do mundo, em detrimento das relações interpessoais que ficaram à margem do real valor, transformando assim a relação professor aluno algo mais complexa, dinâmica e conflituosa.

O ensino não é, portanto, um movimento de transmissão que termina quando a coisa que se transmite é recebida; é por intermédio do gesto de ensinar, que o professor, na relação com os alunos, proporciona-lhes num exercício de mediação, o encontro com a realidade, considerando o saber que já possuem e procurando articulá-lo a novos saberes e práticas, possibilitando o desenvolvimento de capacidades e habilidades cognitivas, estimulando a posicionar-se criticamente diante do mundo. Sendo assim, é notável quando Rios (2010) descreve que:

O docente é professor em exercício, isto é, que efetivamente desenvolve uma atividade. Ser professor é uma profissão. Mas é no efetivo exercício de sua profissão que o professor recebe a denominação de docente, participio presente – aquele que está desenvolvendo um processo de ensinar. Ou seja, quem ensina, ensina algo a alguém. O

ensino se caracteriza, portanto, como uma ação que se articula à aprendizagem. Na verdade, é impossível falar de ensino desvinculado de aprendizagem (RIOS, 2010, p. 53).

Para Rios (2010) o ato de ensinar algo a alguém é um processo de construção do conhecimento, em todas as esferas e áreas dos processos de ensino e aprendizagem que deve ser situado em um contexto relacional e de comunicação interpessoal, em virtude da própria natureza do ato de ensinar. Sendo assim, o conhecimento é gerado a partir de uma interação social, o que só é possível a partir da relação que estabelece entre o professor e o aluno, possibilitando a construção de um saber coletivo. Daí a necessidade do educador ter um olhar reflexivo da sua prática profissional, a fim de melhorar cada vez mais como ser humano e profissional. Para o professor Charlot (2008) no seu livro “Da relação com o saber: elementos para uma teoria”, afirma que:

Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o saber. *Essa relação com o mundo é também relação consigo mesmo e relação com os outros.* Implica uma forma de atividade e, uma relação como a linguagem e uma relação com o tempo. Não há saber que não esteja inscrito em relações de saber. O saber é construído em uma história coletiva que é a da mente humana e das atividades do homem e está submetido a processos coletivos de validação e transmissão (CHARLOT, 2008, p.63).

Para esse autor, o saber de construção coletiva é apropriado pelo sujeito, e que só será possível à medida que o sujeito intermediador do processo “o professor” se instaurar na relação com o mundo que a constituição desse saber supõe. É importante que perceba que não há saber sem uma relação do sujeito com esse saber “As relações de saber são, mais amplamente, relações sociais. Essas relações de saber são necessárias para constituir o saber, mas, também, para apoiá-lo após sua construção” (CHARLOT, 2008, p.63).

A prática reflexiva na ação docente permite o desenvolvimento das suas capacidades a partir da análise de suas ações e os reflexos que elas têm apresentado sobre sua atuação no universo educacional, juntamente com os seus alunos, de modo a pensar e repensar o como deve agir durante a construção dos saberes no mundo. Sendo assim “O verdadeiro educador não pode contentar-se em ser apenas um conteudista, um transmissor de conhecimentos. Ele deve exercer uma influência positiva sobre os educandos. Deve ser uma presença preta de significados” (COSTA, 2001, p.112).

Nesse sentido, o processo educativo é influenciado pelo papel do educador frente a sua prática docente, dentro de um contexto maior que antecede e acompanha as relações sociais, com seus determinantes. Através de suas ações concretas, valores são (re)construídos e cada um é

convidado a encontrarem-se consigo e com os outros, visando à relação de solidariedade em defesa da causa do bem comum a todos. Assim o professor constrói algo em prol de “si e do outro” pautado no bem social, incorporando conscientemente esses valores ao significado que atribui à vida.

Para compreendermos o cotidiano docente de um profissional que lida com alunos de diversas faixas etárias, como é o caso dos professores da educação básica, é preciso conhecer sua prática e refletir sobre ela. Para Ens (2011) é evidente que ao longo dos anos as profissões passam por transformações; no entanto, Tardif e Lessard (2009), ao descreverem o trabalho docente na atualidade, falam das três concepções que se fizeram presentes nessa trajetória desde sua origem, interpenetrando-se: vocação, ofício e profissão, que elucidam as dimensões fundamentais desse trabalho cuja especificidade aqui buscamos. Assim, a evolução passa a ser percebida como “um processo de complexificação e de recomposição de um trabalho que tenta reconhecer e incorporar dimensões de certo modo intrínseca à atividade docente” (TARDIF; LESSARD; 2008, p.256).

Para os autores citados, o trabalho docente é fundamental nas relações interpessoais que estabelecem no ambiente escolar, cuja interação irá influenciar no processo de construção do sujeito no mundo, bem como na formação profissional que será desenvolvida ao longo da formação escolar.

O contexto sociopolítico compromete os espaços do ensinar e do aprender na educação básica, especialmente dificultando a atuação do professor atua com sua prática pedagógica, para corroborar para que assegure aos educandos a construção cognitiva e emocional, já que é uma relação de sujeitos visando o bem estar de todos. Para Tardif e Lessard (2009):

Um professor trabalha, portanto, com e sobre seres humanos. Ora, os seres humanos apresentam algumas características que condicionam o trabalho docente. Eles possuem, primeiramente, características psicológicas que definem modalidades de aprendizagem concretas que os professores precisam, de um modo ou de outro, respeitar em sua docência, adaptando-a justamente às “competências” e atitudes de seus alunos (TARDIF e LESSARD, 2009, p.69).

Bezerra (2012) cita que o professor (força de trabalho docente) é, sem dúvida, o elemento subjetivo do processo do trabalho pedagógico escolar, embora a ênfase na sua função mediadora entre o aluno e o conhecimento leve alguns a considerá-lo como meio: suas atividades, especialmente a aula, nessa perspectiva, são vistas como recursos de socialização do conhecimento historicamente acumulado. É possível perceber essa realidade quando se trata da

prática docente do professor da zona rural, que desenvolve ao máximo as forças internas e sua criatividade para se fazer o elemento subjetivo dos processos de ensino e de aprendizagem, para que o seu aluno possa construir o conhecimento com sua mediação, isto em meio a diversos obstáculos a partir das políticas públicas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo evidenciamos a importância de estudarmos as relações interpessoais e a prática docente no cotidiano profissional dos professores na escola da educação básica, na perspectiva de que se fazem necessárias mudanças sociais, políticas, culturais e pedagógicas na sociedade em relação à educação, particularmente aos processos de ensino e aprendizagem.

A educação na contemporaneidade tem sofrido grandes abalos no que concerne às relações humanas, sejam elas referentes ao papel social de ser professor, ou de ser aluno. Ambos sofrem com a discriminação, a falta de respeito, o deslocamento do papel social, ou seja, não se sabe mais quem é o aluno ou o professor, havendo uma lacuna sobre o papel social de quem intermedia o processo e de quem deve ser orientado pelo intermediado desse processo. Na área da modalidade de ensino da educação básica: Educação de Jovens e Adultos e seu fundamento histórico, é recriado o conceito de novas possibilidades ao indivíduo referindo-se assim, ao conjunto de jovens e adultos trabalhadores que buscam o saber ainda que de forma tardia, mas com a esperança de construir uma nova história, individual e social, a partir da educação. É nessa perspectiva, que este artigo pontua a escola como o ambiente que proporciona, através das relações pedagógicas, a realização de reflexões sobre as relações humanas, o que se deve ao fato de entender que a “Alteridade” faz repensar o papel do homem na sociedade e no mundo.

Para Tardif e Lessard (2009) as relações entre os trabalhadores (professores e alunos) e as pessoas (professores e alunos) constituem o processo de trabalho, o qual consiste em manter, mudar ou melhorar a situação humana das pessoas, inclusive as pessoas, elas próprias. Assim, a escolarização repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos. Sem essas interações a escola esvazia-se. Mas essas interações não acontecem de qualquer forma: ao contrário, elas germinam, formam raízes e se estruturam no trabalho escolar e, principalmente, do trabalho dos professores sobre e com os alunos.

Evidenciamos assim a importância da academia desenvolver pesquisas voltadas para a compreensão de estudar a importância da “Alteridade na Educação” e da prática pedagógica no cotidiano na educação dos alunos, possibilitando ampliar pesquisas que visem ao reconhecimento e à valorização do professor e de como deve ser as relações interpessoais com os alunos, respeitando e incentivando-os, visando o desenvolvimento cognitivo e emocional.

O objetivo deste foi alcançado, via uma reflexão acerca da alteridade na relação do professor na escola, e como se dá a relação interpessoal com os alunos, a partir de uma compreensão do processo da alteridade na educação. Por isso, a importância da visão de Tardif e Lessard (2009), que descrevem o trabalho docente como trabalho humano, assim como a maioria das outras ocupações, sendo que nessa profissão a marca recai nas interações e arca-se necessariamente com o peso da normatividade, embora sejam mais importantes os saberes e todo um processo de história de vida. Um professor trabalha, portanto, com e sobre seres humanos. Ou seja, ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos e para seres humanos.

É na docência, profissão de relações humanas, trabalho com coletividades e ao mesmo tempo centrado nas pessoas, que a acolhida dos alunos se reveste de uma importância particular, como no estabelecimento de toda relação humana. Por isso, a importância de trabalhar a alteridade, já que o professor norteia o processo educacional na mais ampla visão sociopolítica e emocional, possibilitando o crescimento cognitivo e emocional de educandos e educadores, e isso só será possível quando o professor consegue se ver no lugar do outro (aluno), respeitando suas dificuldades, interesses, auto realização.

Concluimos comungando com Bezerra (2007) ao afirmar que a educação é uma prática social ampla, um processo que se desenvolve na contemporaneidade em diversos espaços, não se limitando, pois, à esfera da instituição escolar, tanto no que se refere à formação humana de crianças quanto de jovens e adultos.

Muito há que se fazer para que se possa atingir uma qualidade positiva na educação, não só através das práticas pedagógicas mas também com o trabalhar conceitos básicos que norteiam as relações humanas na escola e contemplam professores e alunos, recursos materiais e todas as condições de trabalho, possibilitando-lhes qualidade de vida e resultados positivos no cotidiano das suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS.

ARRUDA, Angela (org.) Representado a alteridade. 2ªed. Petrópolis- RJ, Vozes, 2002.
BEZERRA, Ada Augusta Celestino; NASCIMENTO, Marilene Batista da Cruz e SANTANA, Edineide. A questão da prática e da teoria na formação do professor. Ed.UFC, Fortaleza, 2012.

Ada Augusta Celestino. Gestão democrática da construção de uma proposta curricular no ensino público: a experiência de Aracaju. Ed.UFAL, Maceió-AL, 2007.

BRASIL, LEI Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. LDB. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

COSTA, Antônio Carlos Comes da. O professor como educador: um resgate necessário e urgente. Salvador. Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre, Artmed, 2008.

ENS, Romilda Teodora; GISI, Maria Lurdes e EYNG, Ana Maria. Formação de professores: possibilidades e desafios do trabalho docente na contemporaneidade. Ver. Diálogo Educ. v.11, p.309-329, maio/ago.2011. Disponível: <http://www.pucpr.br> Acesso em 19/06/2014 às 11:00hs.

NÓVOA, António. (org.). Profissão professor. 2. ed. (Coleção Ciências da Educação). Portugal, Porto Editora, 1995.

RIOS, Terezinha Azerêdo. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. 8ª ed. São Paulo, Cortez, 2010.

SANTOS. Eliane Gomes dos e SADALA, Maria da Gloria Schwab. Alteridade e Adolescência: uma contribuição da psicanálise para a educação. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 555-568, abr./jun. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

SILVA, Soane Maria Santos Menezes Trindade; MACHADO, Márcia Alves de Carvalho; BEZERRA, Ada Augusta Celestino. Alteridade: para mim e para si. Anais do XXI EPENN, Recife, PE: 2013.

TARDIF, M.; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interação humana. Tradução de João Batista Kreuch. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TREVISAN, Amarildo Luiz e TOMAZETTI Elisete M. (orgs.). Cultura e alteridade: Confluências. Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil, 2006. ISBN da versão impressa: 86-7429-567- 1.